



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

EDUCAÇÃO E EMPODERAMENTO DE MULHERES PRESIDENTAS DE ASSENTAMENTOS RURAIS DE BANANEIRAS- PB NA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Josilene Rodrigues da Silva
Universidade Federal da Paraíba-UFPB
josi-rodriques69@hotmail.com

Orientadora: Jeane Félix da Silva
Universidade Federal da Paraíba
jeanefelix@gmail.com

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento, que tem por finalidade conhecer e analisar os processos educativos de empoderamento de mulheres presidentas de assentamentos rurais do município de Bananeiras na Paraíba. Discutir e problematizar questões de gênero, em interface como a educação e os processos de empoderamento de mulheres, fazem-se importantes uma vez que as mulheres, apesar dos vários avanços conquistados pelas lutas feministas nos últimos anos, ainda encontram-se em desvantagem no que tange a ocupação de espaços de exercício de poder. Desse modo, conhecer o caso das mulheres presidentas dos assentamentos rurais de Bananeiras é interessante na medida em que elas escapam aos lugares tradicionalmente ocupados por mulheres, estando em posições de poder em suas instituições. Em termos metodológicos, essa proposta de investigação se caracteriza como abordagem qualitativa que será desenvolvida por meio de entrevistas narrativas com seis mulheres de seis assentamentos no referido município. Os dados serão analisados por meio da análise do discurso.

Palavras- chave: Educação, Gênero, Empoderamento de mulheres.

Considerações iniciais

*Eu sou aquela mulher que fez a escalada da
montanha da vida, removendo pedras e plantando
flores. (Cora Coralina)*

Este texto nasce a partir de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação, Linha de Estudos Culturais da Educação, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, cuja finalidade é conhecer e analisar processos educativos de empoderamento de mulheres

presidentas de assentamentos rurais do município de Bananeiras, na Paraíba.

Iniciar este texto com as palavras da poetisa brasileira Cora Coralina (1889- 1985) possui muitos significados neste texto. Um deles é o fato de que, muitas de nós, mulheres, paulatinamente, estamos escalando as “montanhas da vida”, as montanhas sociais e, para isso, precisamos remover as pedras (que foram construídas e impostas social, cultural e historicamente) e plantar flores (que seriam estratégias de resistência, às quais precisamos lançar mão todos os dias). A depender dos contextos nos quais estivemos

www.redor2018.sinteseeventos.com.br



inseridas (sejam eles de religião, localização geográfica, orientação sexual, cor, escolaridade, entre outros marcadores sociais), remover as barreiras e superar desafios se tornam ainda mais difíceis. No entanto, muitas de nós, retiramos e transformamos os “espinhos” sociais, transformando-os em flores, colocando *perfumes* no viver.

Como diz Viviane Mosé (2006, p. 48-49) são mulheres que, como “ela, escorria(m)”. Escorremos? Sim! Muitas de nós temos escorrido e, desse modo, transgredimos o que está posto dentro das caixinhas nas quais, supostamente, as mulheres devem se encaixar.

Reconhecemos que já conquistamos alguns espaços que antes eram ocupados apenas por homens e nos tornamos chefes de Estado, lideranças empresariais, gestoras, presidentas, entre outros postos ocupados por mulheres. Mesmo assim, ainda persistem as desigualdades de gênero que tendem a colocar as mulheres em situações de inferioridade quando comparadas aos homens. Esses postos são marcados por posições desiguais também entre as próprias mulheres, brancas e negras, por exemplo. Ainda não superamos a perspectiva hegemônica de que às mulheres cabem (apenas?) os espaços privados e ocupações ligadas ao cuidado e ao bem estar dos/as que as rodeiam. Já aos homens, nessa perspectiva, competem os lugares de destaque e poder.

Não temos intenção de fazer reflexões pautadas nos binarismos, porém,

reconhecemos a existência e a força deles em uma sociedade como a nossa. Acreditamos que discutir e problematizar questões de gênero, em interface com a Educação e os processos de empoderamento de mulheres, fazem-se importantes sobretudo porque, apesar dos vários avanços conquistados pelas lutas feministas nos últimos anos, ainda são muitas as desvantagens no que tange a ocupação de espaços de poder por mulheres.

Compreendemos o termo poder como algo transitório, que não é uma posse e, sim, um exercício, seja por curto ou por longo período. Constitui-se em relações de forças, cuja existência é paralela à resistência (FOUCAULT, 1976), em que um existe e o outro também habita. É situacional, e, portanto, a posição de exercício em um determinado momento pode mudar em outro.

Assim, o intuito aqui é discutir sobre empoderamento de mulheres, em relação com o campo da Educação e os estudos de gênero, unidades analíticas e discursivas centrais na pesquisa inicialmente mencionada.

Percurso teórico- Metodológico da pesquisa em andamento

Uma das perguntas que norteiam a pesquisa é: como se desenvolvem os processos de empoderamento de mulheres presidentas de assentamentos rurais no município de Bananeiras - PB? Esse questionamento de pesquisa será eixo condutor que buscaremos responder na investigação que será realizada em cinco



assentamentos rurais do município de Bananeiras-PB cujas presidências são exercidas por mulheres. Desse modo, as mulheres que serão sujeitos de nossa pesquisa possuem entre 25 e 46 anos e são moradoras dos próprios assentamentos que lideram.

Em termos metodológicos, esta proposta de investigação se caracteriza como abordagem qualitativa, pois “é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”. (FLICK, 2009, p. 21) e será desenvolvida numa perspectiva pós-crítica de análise. Nas pesquisas pós-críticas, as investigações qualitativas se efetivam sob uma óptica teórico-metodológica de cunho mais flexível. (GASTALDO, 2012), o que não implica em falta de rigor metodológico.

Nos Estudos Culturais da Educação (ECE), campo teórico em que esta pesquisa se ancora, não se buscam verdades absolutas por compreender a existência de verdades plurais. Os ECE se pautam em “metodologias ambíguas desde o início, pode[ndo] ser mais entendidas como uma *bricolage*” (GROSSBERG; TREICHLER, 2013, p.9), isto é, a construção de uma pesquisa pode acontecer a partir da composição de múltiplos e diferentes procedimentos metodológicos, definidos sempre a partir do objeto e dos sujeitos das pesquisas.

O material empírico nesta proposta serão produzidos por meio de entrevistas narrativas com sete mulheres de cinco assentamentos no referido município. As narrativas como

instrumento metodológico de pesquisa, segundo Bauer e Gaskell (2002, p.88), tem conquistado importância nos últimos anos e essa importância está com a “crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais”.

O material empírico produzido será analisado a partir da perspectiva da análise do discurso baseada em Michel Foucault. De acordo com Judith Revel (2005, p. 37), discurso para Foucault é “um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem [...], a regras de funcionamento comuns”. Essas regras de funcionamento do discurso vão além de regras linguísticas ou formais da fala, na medida em que se (re)produzem, historicamente e socialmente, significados e tem “função normativa, reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas” (REVEL, 2005, p. 37).

Gênero e movimentos feministas

Como dito no início deste texto, muitas conquistas já foram alcançadas e nós mulheres, hoje, ocupamos espaços públicos que antes cabiam apenas aos homens. Isso se deve, em sua maior parte, às lutas dos movimentos sociais e dos movimentos feministas que vem colocando em pauta cada vez mais discussões sobre as mulheres e as construções sociais tornam delas.



Concebemos gênero como uma construção social usada para desnaturalizar as noções de feminino e masculino que estruturam a sociedade (SCOTT,1989). Comungamos ainda com o entendimento de Dagmar Mayer (2008) de gênero como construções históricas e sociais, não estáveis ou lineares. Gênero é então relacional, pessoal, social e político (LOURO, 2004).

Gênero é um campo analítico bastante rico em possibilidades investigativas que perpassam todas as áreas de conhecimento (MATOS, 2008). Trata-se de um conceito relacional e utilizá-lo nos permite problematizar a naturalização de padrões que têm sustentado relações sociais em uma cultura como a nossa, criando lugares para homens e outros para mulheres.

Os estudos de gênero surgem como uma ferramenta trans e interdisciplinar capaz que promover debates acerca dos mais diversos assuntos como: violência contra mulher, educação, trabalho, reprodução entre outros temas abordados nesse campo de estudos.

Desta forma, têm-se nos estudos feministas as produções de conhecimentos capazes de questionar e trabalhar nas desconstruções de verdades sob a égide do pensamento patriarcal, ocidental, burguês, heteronormativo, masculino e machista

Empoderamento de mulheres: um conceito necessário?

Dentro desse contexto de pesquisa que tem como lócus o meio rural, nos parece importante situar e diferenciar os contextos rural e do campo. O meio rural de hoje não é o mesmo de 15, 20 e 30 anos atrás. Os espaços rurais sofreram interferências diretas das áreas urbanas e das mídias digitais e objetos tecnológicos de modo que não nos parece mais possível dizer que existe um meio rural, livre de interferências, e sim novas ruralidades que emergem também com os novos sujeitos estilos de vida do campo.

Várias das conquistas das pessoas do campo ocorreram a partir de suas lutas, muitas delas organizadas em associações. A organização social dos assentamentos rurais caracteriza-se por relações pessoais, face a face, laços de vizinhança, em que o envolvimento interpessoal pode ser completo e direto. Segundo Pimenta (2018, p. 263): “são grupos de pessoas que sofrem com a exclusão social, semelhante a tantos outros grupos no Brasil e no mundo”.

Partimos do pressuposto de que essas associações foram fundamentais para os processos de empoderamento¹ dos sujeitos do campo. Desse modo, percebemos que o exercício da presidência, nos assentamentos, é uma forma de empoderamento de homens e mulheres. Por isso, na pesquisa em

¹ Vale observar que o uso de termo empoderamento, no campo dos Estudos Culturais da Educação é problemático na medida em que esse conceito fixaria posições e o poder nos ECE é algo circular e transitório, o que será aprofundado na dissertação em andamento.



andamento, optamos por compreender o exercício do empoderamento pelas mulheres. Compreendemos que os processos de empoderamento daquelas mulheres não foi algo dado, mas fruto de engajamento delas com as lutas e conquistas em/para seus assentamentos.

A noção de empoderamento aqui empregada parte dos estudos pesquisas desenvolvidos pela socióloga Magdalena León² (1997, p.3). Para ela, empoderar-se significa que as pessoas “adquiriram o controle de suas vidas, conquistem a habilidade de fazer coisas e definir suas próprias³” de disputas e lutas. Assim, empodera-se é tomar si os rumos de suas vidas, mesmo diante de uma gama de obstáculos.

Empoderamento pode ser entendido então como uma força que surge interiormente e é motivado por fatores sociais. Magdalena León (1997), em sua reflexão sobre o empoderamento, apresenta quatro distintas formas de poder, sendo elas: **poder sobre:** diz respeito poder mais comum, familiar e em geral quando se fala em relações de poder, se pensa nesse tipo; **poder para:** este é mais amplo e serve para incluir mudanças por meio

de uma pessoa em um grupo ou coletivo por ela liderado. Pode ser que nessa forma existem maiores possibilidades de resistências e manipulações; o **poder com:** refere-se ao poder exercido por um grupo quando em busca de soluções para seus problemas. E por último, o **poder desde dentro** que representa as capacidades e habilidades para resistir ao poder de outros. Resistência que acontece por meio de ordens ou demandas do dominador. Empoderamento e poder estão diretamente ligados. Este é o exercício de poder, seja poder sobre sua própria vida ou sobre outras vidas (LEÓN, 1997).

No campo dos movimentos feministas, Magdalene León (2016,) assinala que “empoderamento é um fenômeno complexo e multidimensional”, ele assume dimensões vastas e, no meio rural, especificamente no lócus de realização desta pesquisa, as mulheres presidentas assumem as “rédeas” de suas vidas e ainda lideram outras vidas no que diz respeito aos aspectos organizacionais, educativos, administrativos, bem como todos os assuntos relativos aos assentamentos são por elas resolvidos ou organizados para buscar soluções para os desafios da vida dos assentados e das assentadas. São mulheres que possuem representatividade nos espaços em que atuam.

Segundo Magdalena León (1997, p. 4) ,o uso do conceito de empoderamento nos movimentos feministas tem suas raízes na importância que a ideia de poder ganhou nos movimentos sociais, bem como para as

² Escolhi operar especialmente com empoderamento a partir do entendimento da professora Magdalena de León pelo fato dela utilizar esse termo especificamente nos estudos com mulheres rurais. Suas pesquisas também destacam e estabelecem um enfoque de gênero nas políticas de redistribuição que permitiram o reconhecimento do trabalho das mulheres no mundo rural e agrário ao reivindicar a posse da terra para as mulheres como a chave para o Desenvolvimento e a luta contra a pobreza.

³ Tradução nossa.



ciências sociais nas últimas décadas. Nessa perspectiva, campanhas de apoio e fortalecimento de ações que incentivam o empoderamento de mulheres têm aumentado. Um exemplo importante vem da ONU Mulheres Brasil e da Rede Brasileira do Pacto Global que desenvolveram uma cartilha⁴ com objetivo de ilustrar os sete princípios para o empoderamento das mulheres, adaptados aos contextos das brasileiras. Dentre eles, destaco: “empoderar mulheres e promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais” (ONU MULHERES, 2015, p. 3).

Algumas considerações

Diante do exposto, consideramos necessária a realização de estudos que reflitam sobre os processos de empoderamento das mulheres do campo, particularmente aquelas que ocupam uma posição de prestígio em seus espaços de moradia e atuação com as presidentas dos assentamentos rurais. Este será o tema ao qual nos debruçaremos para aprofundar.

Apostamos na força dessas mulheres e na contribuição delas para a construção de uma sociedade mais justa para todas e todos.

⁴ “Baseada na cartilha oficial global dos WEPs (Princípios de Empoderamento das Mulheres, da sigla em inglês), seu principal objetivo é ilustrar cada um dos sete princípios com exemplos práticos e adequados ao contexto do Brasil. Os exemplos mencionados, em sua maioria, foram coletados por meio de pesquisa eletrônica junto às empresas signatárias”. (ONU MULHERES, 2015, p. 2)

Referências

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.

CARY, Nelson; TREICHLER, Paula A; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Alienígenas em Sala de aula**. 11 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2013- (coleção Estudos Culturais em Educação).

CORALINA, Cora. 1994. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. São Paulo: Global.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa (Coordenação de Uwe Flick). Porto Alegre: Bookman, Artmed, 2009b.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da Sociedade**: o curso de college de France. 1975/ 1976) / Michel Foucault; Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

GASTALDO, D. Pesquisador/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, D. E; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós- críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2014. p. 9-13.

LEÓN, Magdalena (Ed.). **Poder y empoderamiento de las mujeres**. Bogotá: Tecer Mundo, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. **Revista Estudos Feministas**. V.16, n.2: 333-357, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n2/03.pdf>



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MEYER, D. E. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação** (p. 9-27). Petrópolis: Vozes, 2008.

MOSÉ, V. **Toda palavra**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

Organização das Nações Unidas. **Princípios de Empoderamento das Mulheres**

Disponível em:

<http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_WEPs_2016.pdf> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

PIMENTA, Herbene Fernandes. Contextos de assentamentos: práticas educativas como possibilidade de emancipação humana. In: AMARAL, M. G. Belchior; SILVA, José A. Alves da. BATISTA, M. Thaís de Oliveira.(orgs). **Pedagogia Social um horizonte educativo para contextos diversos**. Editora Imprece. Fortaleza- CE, 2018.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais** / Judith Revel ; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

SCOTT, Joan. **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA**. Tradução: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 17 outubro de 2018.